



8

MARIA

magazine



COM MILSON HENRIQUES E VAL FONSECA



MARIA

N. 8. Paraíba, Dezembro de 2016
ISSN 1518-1669



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB. 58045-180
marcadedfantasia@gmail.com
www.marcadedfantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação
Marca de Fantasia e um projeto de extensão
do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

Conselho Editorial:

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB;
Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP;
Gazy Andraus, UNIMESP; JJ Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN;
Marcos Nicolau - UFPB; Nilton Milanez - UESB; Paulo Ramos - UNIFESP;
Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP; Waldomiro Vergueiro, USP;
Wellington Pereira, UFPB

Colaboram nesta edição:

Marcelo Naranjo, Milson Henriques e Val Fonseca.

Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações (textos, ilustrações, cartuns e quadrinhos) são de propriedade e responsabilidade dos autores.

Editor/editoração - Henrique Magalhães

Capa - H. Magalhães sobre reprodução da capa de Fables/DC Comics

Sumário

- 4 **Maria**
Henrique Magalhães
- 5 **Maria premiada em Portugal**
Maria no Festival de Amadora
- 7 **Maria**
H. Magalhães
- 17 **Maria e Marly abrindo caminhos**
H. Magalhães
- 20 **Marly**
Milson Henriques
- 26 **Faleceu Milson Henriques, criador da personagem Marly**
Marcelo Naranjo
- 28 **Quadrinhos e poesia em Val Fonseca**
H. Magalhães
- 31 **Augusto & Eu**
Val Fonseca





Maria premiada em Portugal

Contando com uma trajetória de 41 anos, a personagem de tiras humorísticas *Maria*, do paraibano Henrique Magalhães, alcança um dos pontos altos de sua criação. Neste sábado, 29 de outubro de 2016, foi-lhe atribuído o prêmio de melhor álbum humorístico no Amadora BD – Festival Internacional de Banda Desenhada de Amadora, Portugal. Este é o mais prestigiado festival de história em quadrinhos do país e um dos mais importantes da Europa.

O álbum *Seu nome próprio... Maria! Seu apelido, Lisboa!*, lançado em 2015 pela editora Polvo, do editor e entusiasta Rui Brito, concorreu com outros dois títulos, *Não Gritem Baby 33*, de Rick Kirkman e Jerry Scott, pela editora Bizâncio e *Psicopatos Vol. II*, de Miguel Montenegro, pela editora Arcádia. A indicação de *Maria* já tinha sido de muito valor pelo reconhecimento da qualidade do trabalho, ser premiado significa a confirmação de que o humor de viés político e de crítica social do autor brasileiro alcança uma dimensão universal, deslocando-se das questões imediatas e locais.

Este tem sido o desafio e uma das preocupações de Henrique com sua obra, o de refletir sobre os problemas do cotidiano mais próximos e referentes à cultura



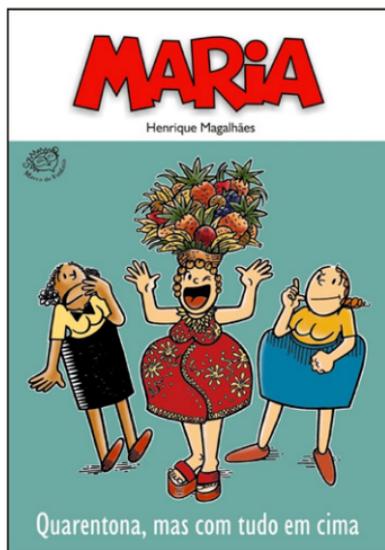
brasileira sem deixar de ser suficientemente amplo para ser intemporal e universal. É isto o que difere o cartum da charge, podendo a tira perpassar as duas modalidades do humor.

Com *Maria*, Henrique tem abordado os conflitos ideológicos de forma libertária mostrando as contradições do ser humano em suas mesquinhas e conservadorismo. Esse teor político tão nevrálgico na sociedade brasileira atual o é também em nível mundial, de modo que ao tratar das questões locais sem se restringir exclusivamente a nossas idiosincrasias a personagem pode tocar no que aflige o ser humano de forma geral.

O álbum de *Maria* lançado em Portugal faz um apanhado da trajetória da personagem como uma forma de apresentação de suas várias fases e desenvolvimento. Embora baseado na edição *Maria: quarentona, mas com tudo em cima*, lançado no Brasil também em 2015 pela Marca de Fantasia, a edição portuguesa precisou se adaptar, descartar antigas tiras de caráter local e subs-

titui-las por novas, das fases mais recentes da personagem. Isto o tornou um álbum inédito para o público português.

O êxito de *Maria* no Festival de Amadora reforça o teor universalista da personagem e o acerto na edição das tiras pelo autor e o editor. O trabalho editorial impecável de Rui Brito, característica e prestígio da editora Polvo, contribuiu para a boa acolhida da personagem, que levou ao público português o olhar crítico – e bem-humorado – sobre o quotidiano por meio das personagens de Henrique Magalhães.



CONSCIÊNCIA

SABE, MARIA, TENHO FEITO TANTAS DESCOBERTAS!

MAGAZ

DESPERTAR PARA A VIDA É ENCARAR SUAS FRAQUEZAS E VERDADES!

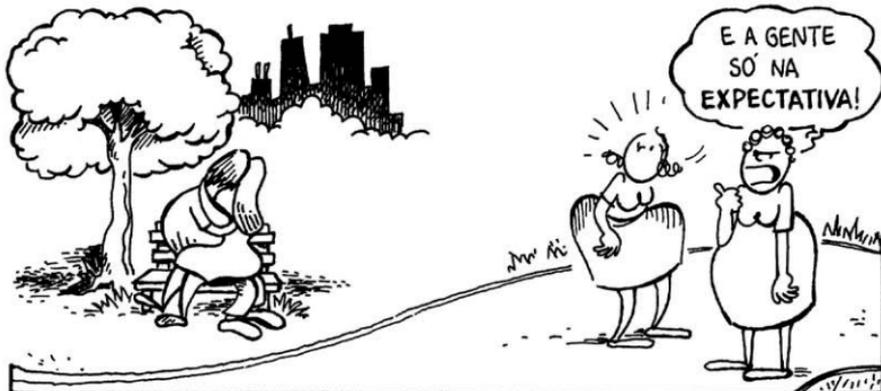
NADA COMO A TOMADA DE CONSCIÊNCIA DO INDIVÍDUO!

MENINOS DE RUA, ASSALTOS, CHACINAS, CORRUPÇÃO, DROGAS...

JÁ O INCONSCIENTE CONTINUA COLETIVO!

Vida adiante

Magal



O CAMINHO DAS PEDRAS

Magaal

QUE É ISSO, MARIA!
VOCÊ VIVE DISTANTE,
CABISBAIXA,
DEPRIMIDA!

POIS SABE
O QUE LI
OUTRO DIA?

QUE O CAMINHO
DA FELICIDADE
É NÃO TER
AMBIÇÕES...

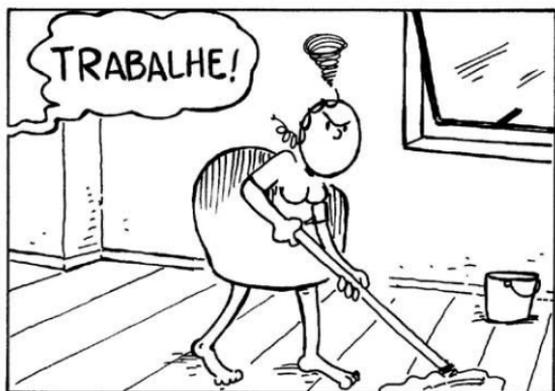
EXPECTATIVAS,
DESEJOS!

SEI! E COMO
SE FAZ PRA
CONSEGUIR
TUDO ISSO?

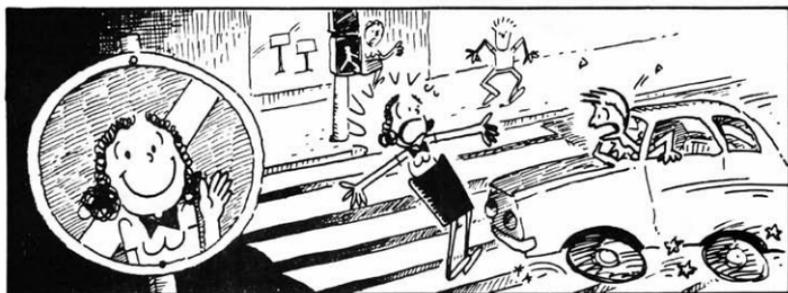
ORA,
SUA BOBA!

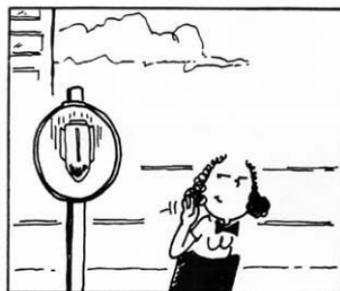
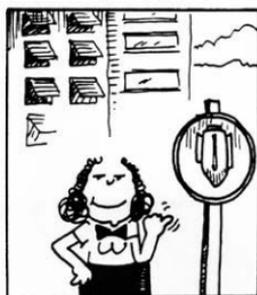
É SÓ
DESEJAR!

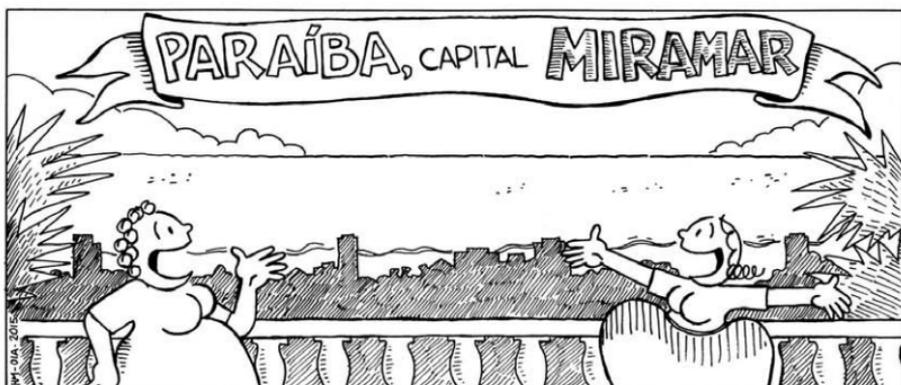
OLHO GRANDE















Maria e Marly abrindo caminhos

A década de 1970 teve o auge da ditadura militar no país com a censura ao jornalismo e às artes e a repressão às liberdades políticas, mas contou também com uma reação cada vez mais aguerrida. Nos quadrinhos tínhamos *O Bicho* e *Fradim*, lançados pela editora Codecri, do *Pasquim*; a revista *Balão*, dos estudantes da USP, mostrou a força de uma nova geração de cartunistas; nas bancas, as revistas *Grilo*, *Patota* e *Eureka* traziam o melhor dos quadrinhos críticos internacionais, a produção underground inclusive.

Maria surgiu inspirada nessa onda de resistência e afirmação dos quadrinhos nacionais. Se em um primeiro momento ela centrou-se na inquietação pessoal da solidão, logo partiu para o campo de luta contra as arbitrariedades



do poder. *Maria* foi fruto de uma pesquisa sobre as personagens da época, em que a mulher era sempre retratada como coadjuvante, submissa e indefesa. Com *Maria*, queria elevar a mulher ao protagonismo, tratando suas problemáticas em primeiro plano.

Pouco tempo depois de sua criação descobri uma parceira no universo de *Maria* e, surpresa, era também brasileira. Tratava-se de *Marly*, do carioca Milson Henriques, que passara a publicar em vários jornais do país por um representante nacional dos syndicates e, sobretudo, na revista *Patota*, onde foi capa de várias edições e teve suas tiras em destaque. *Marly* também era uma sol-

teirona enlouquecida na busca de uma companhia, assumindo seu desejo com a força de quem sabe e faz o que quer.

Tornei-me fã de *Marly* e Milson e embora muitos traços diferenciasssem nossas personagens, tínhamos em comum a luta pela conquista de espaço para os quadrinhos brasileiros, que sofriam com a invasão da produção estrangeira. Em 1977 tive a chance e o prazer de encontrar Milson na Paraíba, no Festival de Inverno de Campina Grande. Ele e eu também transitávamos pelo teatro e essa cena nos proporcionou o surpreendente encontro.

Gentil, feliz, generoso, e bem-humorado, claro, Milson me brindou com um desenho em que reunia *Marly* e *Maria* destacando exatamente a força de nossa luta. À época publiquei um pequeno texto sobre o encontro no extinto jornal paraibano *O Norte*, que reproduzo abaixo, bem como o desenho feito por Milson. O amigo partiu este ano levando meu sonho de produzir um álbum de *Marly*, mas continua vivo na memória de seu leitores-fãs e dos quadrinhos brasileiros.

Henrique Magalhães,
16 de dezembro de 2016.

Maria e Marly - cara-a-cara

Em recente mostra de teatro no II Festival de Inverno de Campina Grande tive a excelente oportunidade de conhecer o diretor de teatro, chargista e quadrinhista Milson, criador de *Marly*, que publica diariamente em vários jornais do Brasil. Vários pontos se fazem comuns nos personagens *Maria*/*Marly* apesar da distância geográfica que separa a Paraíba do Espírito Santo. Mas, acima disto, sobressai a necessidade de criação e da busca do quadrinho brasileiro refletindo nosso povo, nossos costumes e nossa realidade.

Lutemos juntos Milson, e pelo quadrinho brasileiro.

Que lutem juntas *Maria* e *Marly*.

Henrique Magalhães

O Norte, João Pessoa, 14 de agosto de 1977, Caderno 2, p. 1.

POXA, QUE BACANA! ARRANJEI UMA NOVA COMPANHEIRA DE GUERRA!



Henrique, espero um dia
ver oandy e Ofácia
publicadas juntas
em Todo Brasil
Um abraço
Milson
25-7-77



MILSON

APRESENTA

UGLY (A INTELLECTUAL)

AH! EU ME AMARRO
EM ASSISTIR
TEATRO INFANTIL!



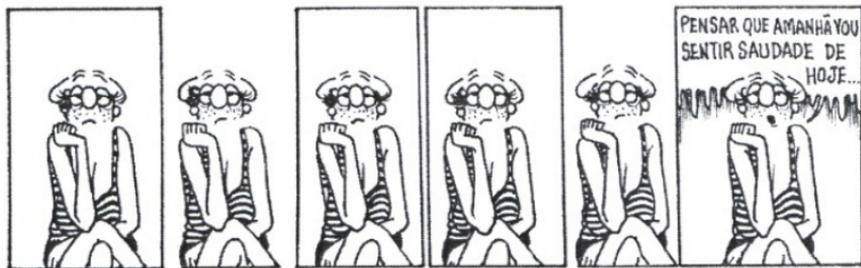
FICO SENTADA, CURTINDO AS
CRIANCINHAS, COLORIDAS,
LINDAS, ALEGRES COMO
PARDAIS AO AMANHECER!



ELAS PULAM NAS CADEIRAS,
GRITAM, PISAM NO PÉ
DA GENTE, BERRAM,
LEVANTAM PRA FAZER XIXI,
GRITAM NO NOSSO OUVIDO,
SENTAM, COSPEM NA GENTE,
LEVANTAM,
SENTAM,
PULAM!..



Tudo indica que *Ugly (a intelectual)* tenha sido um esboço do que viria a ser *Marly*. Os traços físicos estão todos lá, os olhos grandes e penetrantes, os peitos caídos que tanto marcaram sua imagem, a saia “tubinho” xadrez, mas, sobretudo a personalidade meio crítica-meio amarga que seduziu irremediavelmente os leitores. Com o tempo Milson refinou o traço e deu outras características a *Marly*, ocupando um espaço privilegiado nos quadrinhos brasileiros.











Faleceu Milson Henriques, criador da personagem Marly

Marcelo Naranjo
Em 25 junho, 2016

Ano triste para os quadrinhos nacionais. Na semana passada, faleceu Rodolfo Zalla. Na madrugada deste sábado, 25 de junho, faleceu o capixaba Milson Henriques, criador da personagem Marly, que foi publicada com sucesso em diversos Estados do Brasil em tiras de jornal.

O embrião para a criação de Marly veio em 1972, quando o diretor de um jornal desafiou Milson a criar um personagem que fosse tipicamente capixaba, para sair em tiras diárias. A primeira tentativa surgiu com o papagaio Edilberto, cuja profissão era vereador. Mas, em plena ditadura mi-

litar, e como o autor já havia sido preso por suas ideias, chegou a conclusão de que não daria certo. Solicitaram, então, uma criação que não tivesse nenhuma relação com a política.

Foi quando nasceu Marly, uma solteirona frustrada, que vive ao telefone com uma amiga de nome Kreuzodete, falando mal de tudo e de todos, principalmente de quem consegue ser feliz.

Inicialmente, era publicada somente em Vitória. Por isso, as brincadeiras com personagens locais fizeram muito sucesso. Em 1973, foi



Quadrinhos e poesia em Val Fonseca

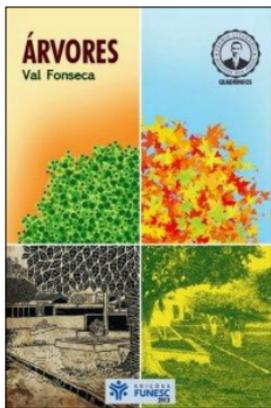
Os quadrinhos paraibanos nunca pararam de se renovar; desde sua estreia com *As aventuras do Flama*, em 1963, até hoje, vimos o desfilarmos de uma plêiade de personagens os mais diversos, do humor crítico e caricatural ao super-herói, do faroeste à ficção científica, do infantil ao antropomorfo.

No campo dos quadrinhos biográficos, tão apreciados na atualidade, conta-se com uma bem-sucedida série lançada pela



Patmos Editora, de João Pessoa, promovendo a parceria entre escritores e quadrinistas na elaboração de obras ilustradas sobre os renomados artistas e políticos do estado.

Val Fonseca é um dos quadrinistas que participam desse projeto, tendo feito a arte de *José Américo de Almeida em quadrinhos*, com texto de Lourdes Luna; bem como *Conselheiro Henriques em quadrinhos*, com texto de Gerardo Rabello. Outra personalidade que se destaca na série é o poeta Augusto dos Anjos, cuja biografia tem roteiro de Jairo César e ilustrações de Luyse Costa. Augusto teria ainda outra biografia em quadrinhos, mas lançada pela MVC Editora, de João Pessoa, com texto de Juca Pontes e ilustrações de Lelo Alves.

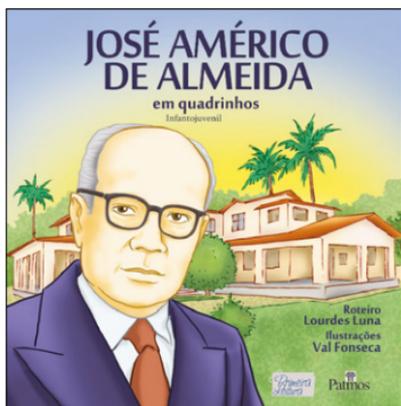


Val Fonseca também adentraria o universo mítico de Augusto dos Anjos, mas, diferentemente dos outros quadrinistas, apoiando-se na vida e na obra do poeta para a produção de um trabalho autoral, transformando-o em personagem de quadrinhos. Intitulada *Augusto*

to & Eu, a série de tiras retrata o cotidiano do escritor paraibano ao lado da indefectível Morte, sua companheira inseparável.

Para Val, o “Eu” do título é dúbio, fazendo referência ao livro e à própria Morte: “em geral, a ação transcorre com os dois personagens e o livro juntos. Em outras, o livro é o personagem principal falando diretamente com o leitor. As tiras trazem em seu conteúdo assuntos relacionados ao ‘universo’ do poeta e também a outros assuntos decorrentes de nossa contemporaneidade, como greve, suicídio, internet e muito mais”.

As tiras de *Augusto & Eu* foram criadas a partir de 2014 e publicadas no jornal *A União*, de



A arte de Val Fonseca na série de biografias em quadrinhos da editora Patmos

João Pessoa. Em 2011, Val lançaria em revistas independentes a série *GiBiographia*, numa curiosa autobiografia em quadrinhos; em 2012 seria a vez de Árvores, que foi contemplada com o Prêmio Literário Augusto dos Anjos 2013, pela Funesc – Fundação Espaço Cultural da Paraíba, ganhando edição em revista.

Ainda em 2013 participou de duas coletâneas em quadrinhos: *AQC 100 Vezes* (da Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de SP) e *Sanitário 02 – Grandes Monstros da Humanidade*, do Coletivo WC, da Paraíba. Alguns desses trabalhos podem ser vistos em www.gibiarte.blogspot.com.

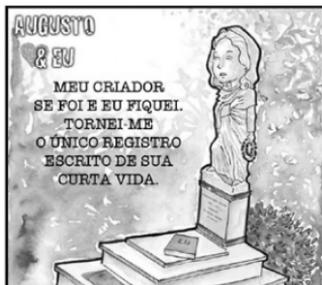
Val Fonseca nasceu em João Pessoa, é formado pela UFPB em Educação Artística, habilitação em Artes Visuais. Atualmente trabalha como ilustrador na Editora Grafset.

A força do trabalho de Val Fonseca reside na elegância do traço e na pesquisa que lhe dá base às criações. Seus quadrinhos nunca são meramente diletantes, sempre instigam a leitura, seja pela experimentação textual e gráfica, seja pela profundidade atribuída à produção. Sem dúvida, Val se destaca na rica seara dos quadrinhos paraibanos.

Henrique Magalhães













Maria em revista

